

Bird revê projeções e diz que o PIB do país pode crescer de 2% a 3,5%

CACALOS GARRASTAZU/VALOR

Ricardo Allan
De Brasília

O Banco Mundial reviu suas projeções sobre a economia brasileira no novo ambiente de desaceleração econômica mundial. A instituição previa um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de até 4,5% em 2002, projeção reduzida agora para algo em torno de 2%. "Prevemos um crescimento de 2%, mas como as incertezas são grandes, ele pode chegar até 3,5%", disse o economista-chefe do Bird no Brasil, Joachim von Amsberg.

A queda no ritmo da atividade econômica vai ser ainda mais pronunciada neste ano. Segundo projeções do banco, a economia brasileira deve se expandir "pouco mais" que o 1% projetado para a América Latina. Os técnicos atribuem boa parte do desaquecimento à retração no comércio mundial, que deve crescer apenas 1% em 2001.

Ainda assim, o vice-presidente do Bird para a América Latina e Caribe, David de Ferranti, considerou "excessivamente pessimistas" as avaliações feitas por alguns analistas sobre os efeitos recessivos no país. "Nós continuamos a acreditar que o Brasil pode superar com sucesso as atuais dificuldades econômicas mundiais", disse numa entrevista durante o 2º Fórum do Bird sobre o Desenvolvimento. Para ele, o país foi fortalecido por reformas nos últimos três anos.

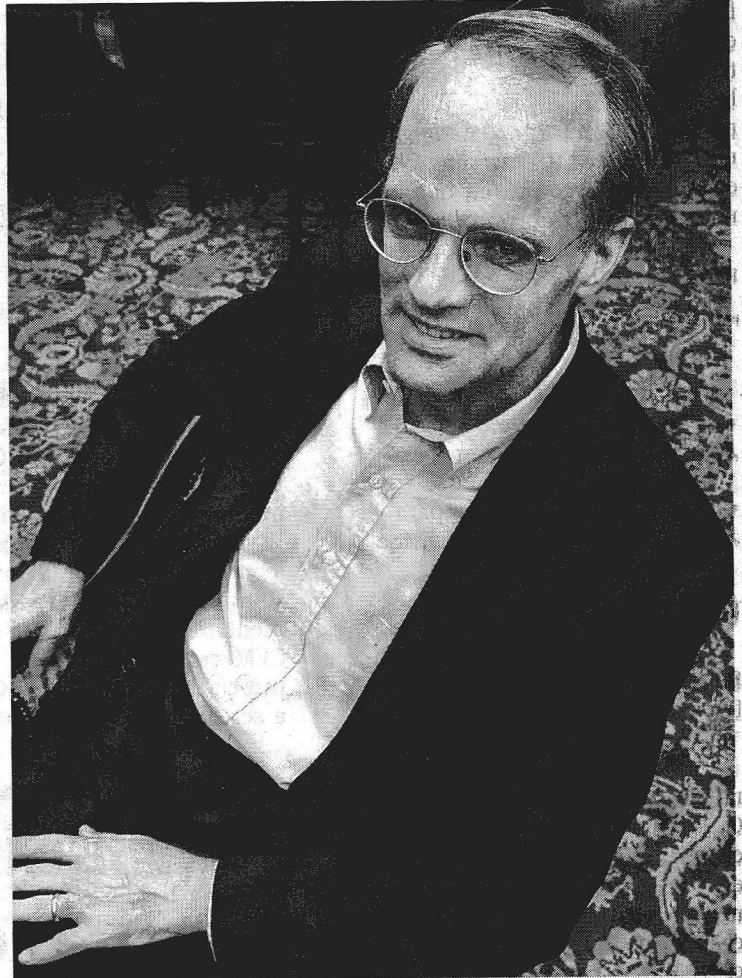
Ferranti mostrou confiança na possibilidade de o país manter a dívida pública e as contas externas num nível sustentável. Ainda segundo a sua análise, os efeitos negativos dos atentados terroristas aos Estados Unidos na economia mundial serão menores do que os previstos inicialmente. "A situação já não estava tão boa antes disso. Alguns países,

principalmente os que dependem muito do turismo, estão analisando se vão precisar de mais recursos dos organismos internacionais", disse.

Os números do banco indicam uma forte queda no ritmo econômico. As estimativas para 2002 são de um crescimento mundial de apenas 1,6%, sendo de 1% nos países industrializados e de 2% na América Latina. O fórum, que tem participação de autoridades do governo, economistas e de organizações não-governamentais, analisa a relação entre instituições, crescimento e igualdade. Os economistas do Bird apontaram progressos na política social brasileira, com destaque para a redução das taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil. Mas receberam mais investimento em educação para reduzir desigualdades sociais, e flexibilização nas regras trabalhistas para incentivar o emprego.

O novo diretor do Bird no Brasil, Vinod Thomas, apresentou o que chamou de "quatro pilares da nova agenda de crescimento do Brasil". A redução de barreiras burocráticas "libertaria" o espírito empreendedor dos brasileiros, impulsionando o crescimento. O incentivo à produtividade seria feito a partir do fortalecimento dos direitos de propriedade e da desregulamentação da educação superior. A chave para a inclusão dos pobres seria um melhor acesso à educação primária e secundária. Como precondição para todo o receituário, está o fortalecimento fiscal, apontado como o quarto pilar. Para o Bird, o quadro se completa com a continuidade da aposta na abertura comercial e na redução da carga de impostos.

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, reafirmou a crença de que uma política fiscal restritiva gera crescimento e



Ferranti: "Acreditamos que o Brasil pode superar com sucesso as dificuldades"

não entaves a ele, como apontam alguns setores da oposição. Segundo ele, o governo tem se dedicado a incrementar programas sociais. Para Cristovam Buarque, ex-governador do Distrito Federal, o crescimento não traz por si só redução das desigualdades. Hoje à frente da ONG Missão Criança, Cristóvam propôs o que chamou de "keynesianismo social", com o governo financiando programas em que desempregados façam obras em benefício próprio.

O economista Guido Mantega,

um dos formuladores do programa econômico do PT, disse que a prioridade do próximo governo será reduzir o déficit em conta corrente do balanço de pagamentos do país. Mantega afirmou que o Brasil terá que aumentar as exportações e substituir as importações. Ele contestou a receita dos economistas do Banco Mundial de que o Brasil precisa aumentar sua abertura comercial e reduzir as tarifas do Mercosul.

Colaborou: Ribamar Oliveira, de Brasília